

A EDUCAÇÃO COMO CAMINHO UMA AUTOBIOGRAFIA



EDILEUZA LOPES SILVA

Edileuza Lopes Silva

**A EDUCAÇÃO COMO CAMINHO: UMA
AUTOBIOGRAFIA**

Revisão de Texto: Anderson Hander Brito Xavier

Diagramação: Dogac Yilmaz

Arte da publicação: Anderson Hander Brito Xavier,

Dogac Yilmaz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S586e Silva, Edileuza Lopes.
A Educação Como Caminho [livro eletrônico] : Uma Autobiografia
/ Edileuza Lopes Silva. – Ribeirão Preto, SP: Ed. do Autor, 2025.
93 p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5278-111-6

1. Educação. 2. Silva, Edileuza Lopes – Biografia. 3. Prática de ensino. I. Título.

CDD 920

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

“A educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.”

Paulo Freire

SUMARIO

INTRODUÇÃO.....	6
SER PELOS OUTROS E PARA MIM MESMA.....	10
RECORDAÇÕES DE UMA INFÂNCIA SIMPLES/A CRI- ANÇA QUE (AINDA) HABITA EM MIM.....	16
DESPREPARADA PARA A VIDA ADULTA.....	28
O CAMINHO DO AUTOCONHECIMENTO.....	38
SER MÃE E MULHER: A MATERNIDADE.....	58
A MINHA FACETA NA EDUCAÇÃO.....	74
A ADVOGADA.....	80
A PSICÓLOGA.....	90
AGRADECIMENTOS.....	99
REFERÊNCIAS.....	100

INTRODUÇÃO

Ao longo da minha vida, eu já me fiz várias vezes esta pergunta: “quem sou eu”? E confesso também que, em alguma medida, já extrapolei a esfera individual desse questionamento para pensá-lo em uma perspectiva coletiva, ligada tanto à nossa identidade neste país quanto em relação a uma perspectiva global: “quem somos?” Essa pergunta, com sua aparente simplicidade, guarda camadas de muita complexidade. Cada vida é um mosaico de escolhas, circunstâncias e heranças, mas qual desses elementos é o fio condutor da nossa identidade? Talvez sejamos como o eterno dilema do ovo e da galinha: será que nossas experiências moldam quem somos ou é o que somos que determina o modo como vivemos? Este livro surge do desejo de explorar esse enigma — não para resolvê-lo, mas para navegá-lo.

Escrever sobre nós mesmos é um gesto paradoxal. Por um lado, é um ato de exposição, uma tentativa de revelar o que somos, de mostrar nossas experiências e sentimentos mais íntimos. Por outro, é também um

mergulho interno, uma busca para entender as camadas do tempo, da memória e das emoções que nos moldam. Aliás, recordar é um ato extremamente necessário. Assim como, paradoxalmente, esquecer. Não é por acaso que, na esfera jurídica, existe o termo Direito ao Esquecimento. Contar a própria história não é apenas um exercício de vaidade; é, antes de tudo, uma ferramenta de compreensão. Quando narramos, criamos vínculos entre os eventos dispersos da vida, transformando um fluxo caótico em algo que podemos olhar, ainda que parcialmente, com algum entendimento. Reviver nossas memórias, inclusive as dolorosas, é um ato que transcende o individual. É uma oportunidade de refletir sobre os erros e injustiças do passado, exigindo mudanças sociais que rompam ciclos de opressão e desigualdade. Essas lembranças não devem apenas nos ensinar, mas também alertar para que histórias semelhantes não sejam perpetuadas. Narrar essas experiências é, portanto, um exercício de responsabilidade coletiva, contribuindo para um futuro mais consciente e ético. Assim, ao revisitarmos o passado, abrimos espaço para reescrever o presente com mais justiça.

Será que nossas inquietações surgem de algo que nos é imposto — o mundo externo, as expectativas, as imposições do tempo — ou de algo intrínseco, quase orgânico, que cresce dentro de nós? Talvez a resposta seja ambas, e nenhuma. Como seres humanos, somos simultaneamente criadores e criaturas do nosso destino, moldados por forças que entendemos apenas em retrospectiva. Neste livro, nessa perspectiva, não pretendo oferecer respostas definitivas ou desenhar um retrato acabado. Ele constitui, em essência, um processo — uma conversa comigo mesma, com você, leitor, e com o silêncio que acompanha todas as perguntas sem solução. Escrever é, para mim, um ato de autoconhecimento. Relatar os momentos que me formaram, as pessoas que me marcaram e as escolhas que fiz constitui, também, uma tentativa de encontrar um sentido mais profundo no caos da existência.

Ao longo das próximas páginas, o leitor encontrará não apenas os eventos que marcaram minha trajetória, mas também as reflexões que esses eventos despertaram. Não escrevo para celebrar, justificar ou lamentar. Escrevo

para compreender, para conectar, para encontrar na minha história algo que ressoe com outras histórias. Afinal, o que somos, senão versões diversas de um mesmo desejo de pertencimento e significado?

Seja bem-vindo à minha narrativa. Mais do que um relato, ela é um convite: um chamado para que, ao “me ler”, você também “se leia”.

SER PELOS OUTROS E PARA MIM MESMA

Cresci em um ambiente marcado por dificuldades, mas também por um desejo constante de entender as minhas origens e os caminhos que me levaram até onde estou. Penso que, ao entender a nossa trajetória e a dos nossos antepassados, conseguiremos não apenas compreender quem somos, mas também descobrir as forças que nos impulsiona(ra)m e que continuam a nos impulsionar.

Com esse propósito, também compartilho a minha história com vocês, meus clientes, amigos e familiares, para que, por meio dela, possam me conhecer melhor, bem como inspirá-los no processo de autoconhecimento de cada um. Este livro autobiográfico constitui um relato de superação, de lutas internas e externas, de momentos de desespero, mas também de vitórias silenciosas.

Ao compartilhar essa história, não busco apenas resgatar o que foi vivido, mas revelar a importância de lutar pelos nossos sonhos, mesmo quando as circunstâncias parecem ser intransponíveis. Acredito que, ao expor minha jornada, posso oferecer algo valioso para aqueles

que também enfrentam suas próprias batalhas. A vida, muitas vezes, se apresenta como um campo de lutas intermináveis, em que a dor, as perdas e os desafios parecem pesar mais que as vitórias. No entanto, é justamente nos momentos mais difíceis que se revela a força que carregamos em nós, a qual, muitas vezes, desconhecemos até o momento em que somos desafiados a enfrentá-la. Este livro não é apenas um relato sobre minha história, mas um convite à reflexão sobre como, mesmo nas horas mais difíceis, podemos encontrar em nós uma reserva de resistência e coragem que nos permite seguir em frente.

As batalhas que enfrentei ao longo da vida não foram poucas. Cada capítulo, cada página que aqui compartilho, carrega em si o peso de superações que exigiram mais do que força física ou mental; foram momentos em que precisei escavar minha alma, desenterrar minhas verdades mais profundas, para descobrir uma força que não sabia que possuía. À medida que compartilho essas experiências, o faço com o desejo de tocar o coração de quem, assim como eu, já se sentiu à beira de desistir.

Quero que essas páginas se tornem uma chama, uma luz tênue, mas constante, para aqueles que sentem que não há mais caminho, que as dificuldades são insuperáveis, e que a esperança está distante demais para ser alcançada. Que elas sirvam como um estímulo para o crescimento e o reencontro com o potencial transformador da educação.

Compartilharei, neste livro, um pouco sobre a história de meus avós (tanto paternos quanto maternos), dos meus pais, e de algumas pessoas que passaram pela minha vida, e que, além de me perpassarem, constituíram para compor quem eu sou. E sobre como a união desses elementos formou a base da pessoa que sou hoje. Ao falar de onde venho, posso entender melhor para onde vou. Acredito que, ao compreender um pouco mais sobre as vidas desses sujeitos, poderei me aproximar da compreensão de quem realmente sou, especialmente porque nós também nos constituímos sujeitos pelos outros. A reflexão sobre as minhas origens, sobre os elementos que formaram minha identidade, remete a um conceito fundamental da Teoria de Lacan: a ideia

de que nos constituímos como sujeitos por meio do olhar e do desejo do Outro.

Segundo Lacan, a identidade do sujeito é inextricavelmente ligada à sua relação com o Outro. Não nascemos como indivíduos autônomos e isolados, mas somos forjados na interação com os outros, com as palavras, com os olhares, com os desejos que nos atravessam. Ao contar a história dos meus avós, por exemplo, estou não apenas revelando o passado, mas também buscando as marcas do Outro que me moldaram e que, muitas vezes, nem sei que estavam ali. É por meio dessas relações, dessas trocas, que nos constituímos como sujeitos.

Ao refletir sobre essas vidas, consigo não apenas acessar o passado, mas também me aproximar da compreensão de quem realmente sou. E mais: ao fazer isso, me aproximo da ideia de futuro que, para Lacan, é sempre indissociável do que fomos e daquilo que desejamos ser. Em outras palavras, é nesse constante movimento entre o que já fomos e o que ainda aspiramos a ser, mediado pela presença do Outro, que o sujeito se faz, se refaz e se transforma. Portanto, ao revisitar

minha história, não estou apenas olhando para trás, mas também direcionando meu olhar para o futuro, tentando compreender os caminhos que, por meio das minhas relações, posso ainda trilhar, de maneira um pouco mais consciente.

Ao relatar as experiências e os encontros que vivi, não estou apenas compartilhando um pedaço de mim com os outros, mas também me permitindo ser o reflexo de quem sou, para mim mesma. As histórias de minha infância, das minhas origens e de minha luta, mostram que, por mais que nossa identidade seja moldada pelas relações com os outros, ela também é um processo contínuo de autodescoberta. Somos, ao mesmo tempo, seres sociais e seres solitários, constituídos pelo Outro e pela nossa própria força interior.

No fim das contas, o caminho para entender quem sou foi também o caminho para aceitar a mim mesma, para me acolher com as minhas imperfeições, com as minhas fragilidades e com a minha capacidade infinita de recomeçar. Como Lacan disse, somos sujeitos pelo olhar e desejo do Outro, mas, para sermos completos,

precisamos aprender a olhar e a desejar a nós mesmos.
Este livro é a minha busca por essa totalidade.

RECORDAÇÕES DE UMA INFÂNCIA SIMPLES/A CRIANÇA QUE (AINDA) HABITA EM MIM

Meus avós paternos, Horácio e Laurentina, eram lavradores, como muitos naquela época. Sobreviviam do que a terra lhes dava: mandioca, feijão, milho. Viveram o que muitos chamam de “economia familiar”, onde a sobrevivência depende da força de trabalho da família toda. Tiveram oito filhos, seis homens e duas mulheres, e, dentre esses, meu pai, João, foi um deles.

Do outro lado, meus avós maternos, José Antônio e Ana, também viveram de forma simples, mas com um foco diferente no cultivo. Tiveram quatorze filhos — sete homens e sete mulheres — e o regime de economia familiar deles girava em torno do cultivo de café e hortaliças. De suas filhas, uma delas, a minha amada mãe, Anilza, é quem, com tanto amor e coragem, me trouxe ao mundo.

Foi dessa união entre João e Anilza que eu nasci, no dia 13 de fevereiro de 1970, uma sexta-feira 13. A data, que para muitos pode parecer um presságio, trouxe

um nascimento marcado por muitas dificuldades. Eu, ainda tão pequena, já estava enfrentando o sofrimento de ter o cordão umbilical enrolado no pescoço. O parto, realizado na zona rural, foi auxiliado por uma parteira chamada Augusta, que, com seu olhar atento e carinhoso, acreditava que eu seria uma criança especial. Ela, com muito carinho, pediu a meus pais que me aceitassem como sua afilhada de batismo.

Eu fui a terceira filha de minha mãe, que teve um total de treze filhos e um aborto. O lugar onde nasci, um pequeno e isolado lugarejo, até hoje, não possui energia elétrica, água encanada ou saneamento básico. As noites eram iluminadas, apenas, por candeias e lampiões à base de querosene. Cresci em um ambiente difícil, onde o esforço de meus pais e os muitos filhos, um a cada ano, formavam o cotidiano. Lembro-me, mesmo ainda criança, de ver minha mãe passando por várias gravidezes. E, com apenas alguns anos, aprendi muito sobre a vida, o esforço e a luta de ser mulher, mãe e filha em um lugar esquecido do mundo.

Meu dia a dia era marcado pelo esforço constante de meus pais, que, além de cuidarem de uma grande família, tentavam garantir nossa sobrevivência com o trabalho árduo da agricultura. Cada filho que chegava ao mundo trazia mais responsabilidades, mais desafios, e, ao mesmo tempo, mais força para seguir em frente. Com apenas alguns anos, já era capaz de observar os sacrifícios de minha mãe, que, sem muitos reclames, cuidava de todos nós com um amor incondicional. O ritmo acelerado da vida rural era implacável. Assim, desde cedo, aprendi o significado do esforço, da luta e do compromisso com a vida. Era, sem dúvida, uma formação constante, não somente de caráter, mas de uma percepção mais profunda sobre a condição da mulher.

Lembro-me de momentos específicos que marcaram a minha infância. A rotina de acordar cedo, os sons das manhãs silenciosas, com o canto do galo e o trabalho nos campos, eram constantes. Ao ver minha mãe passar por tantas gravidezes, entendi cedo que a vida de uma mulher no campo era marcada por desafios imensos, em que o sacrifício estava entrelaçado com o amor

incondicional pela família. Ainda tão jovem, já absorvia, sem perceber, as lições que a vida me oferecia. Cada gesto, cada tarefa que realizava ao lado dos meus pais, moldavam minha visão de mundo e me preparava, sem eu saber, para o que viria pela frente.

Ao mesmo tempo, o olhar atento de minha mãe também me ensinava a importância da solidariedade e da resiliência. Mesmo sem as condições ideais, a vida seguia, e a família se unia, enfrentando juntos as dificuldades. Naquele pequeno mundo rural, onde as necessidades eram muitas e os recursos poucos, aprendi cedo sobre a dor e a beleza de ser parte de uma família grande, sobre as limitações de quem vive à margem da sociedade, e, acima de tudo, sobre a importância de nunca desistir. Essas primeiras lições da vida, tão simples e, ao mesmo tempo, tão profundas, formaram as bases da pessoa que me tornei.

Eu sabia que a vida no campo, com todas as suas dificuldades, não oferecia muitas opções, mas o amor e o cuidado de meus pais eram inegáveis. Mesmo assim, algo dentro de mim clamava por mais. Quando pedi

permissão para ir à cidade em busca de estudos, meu pai, com a sabedoria de quem passou a vida inteira lidando com a terra, me disse: “filha, aqui temos o que precisamos para viver: a terra, o plantio, a colheita. Não temos certeza de trabalho ou de casa na cidade. Não posso te mandar embora, porque preciso de você aqui, com seus irmãos.” Suas palavras, duras, mas repletas de um amor imenso, ficaram comigo por muito tempo. Eu compreendia a visão deles, mas não conseguia evitar a sensação de que algo maior, algo além, me aguardava lá fora.

Fui criada com o espírito de luta, com a consciência de que a vida não seria fácil, mas eu acreditava que a educação era a chave para romper as barreiras que nos separavam de um futuro melhor. Apesar da minha tristeza por não poder seguir o caminho que eu tanto sonhava, pelas limitações e dificuldades, não deixei de acreditar que, de algum modo, teria a chance de encontrar uma forma de estudar e seguir em frente. A ideia de que o conhecimento poderia transformar a realidade da minha vida não me abandonou, mesmo

diante da resistência de meus pais.

A educação consistia, para mim, na compreensão do mundo, de mim mesma, das minhas limitações e potencialidades, que trazia a verdadeira liberdade. E, apesar de todas as adversidades, a ideia de que o conhecimento poderia redirecionar minha trajetória era mais do que uma esperança; era uma convicção. Como dizia Platão, a educação não é apenas uma preparação para a vida, mas sim a própria vida em sua forma mais autêntica. Mesmo que as circunstâncias tentassem me sufocar, o saber sempre se apresentou como o único capaz de iluminar o meu caminho, como uma força interior que me impulsionava a continuar, mesmo nas horas mais difíceis.

Quando eu tinha cinco anos, vivi um momento muito especial. Preocupada com a gravidez avançada da minha mãe e o parto iminente, decidi realizar uma tarefa que, para mim, parecia importante: reunir e preparar as roupas antigas dos meus irmãos mais velhos. Procurei as peças guardadas, lavei, sequei e passei com o ferro de brasa. Depois de tudo pronto, guardei cuidadosamente

as roupas em uma caixa de papelão. Certo dia, ouvi minha mãe dizer ao meu pai, com visível preocupação, que acreditava que o bebê nasceria em breve, mas não havia encontrado nenhuma roupa de recém-nascido disponível. Foi então que me aproximei com a caixa cheia de roupas limpas e bem passadas e a entreguei a ela. Lembro-me claramente da expressão de surpresa no rosto da minha mãe. Ela parecia incrédula e admirada, e comentou com o meu pai: “onde essa menina aprende essas coisas? Como ela sabia que eu iria precisar dessas roupas?” Ele respondeu, sorrindo: “Ela presta atenção em tudo, é curiosa e se preocupa com cada detalhe.”

Os meus pais também não tiveram uma alternativa a não ser tentar a sobrevivência com o trabalho rural, como já mencionei. Lembro que, desde que despertei a consciência da minha existência, trabalhava no cultivo da terra, plantando mandioca, feijão, milho, criando porcos e galinhas. Quanto sofrimento era para mim ouvir os gritos dos porcos quando eram abatidos para a nossa alimentação, lembro que corria muito para uma cachoeira que havia ali perto para não ouvir ou

assistir aquela cena, mas, muitas vezes, quando meu pai terminava de matar o porco, nós tínhamos de cortar a carne para poder cozinhar e guardar na gordura, pois não possuía geladeira, enfim todo o serviço da agricultura era efetuado pela família, sem muita tecnologia, de maneira manual.

O lazer era andar a pé de três a cinco km para ir à igreja católica, assistir a um culto ou ir à feira no sábado vender o que sobrava das colheitas para comprar o que não tínhamos no sítio, como o querosene dos lampiões. Nessa época minha irmã de quatro anos adoeceu com pneumonia e meu pai teve de ir para a Capital – BH levá-la para um tratamento. Assim, vendeu com urgência bois para pagar o tratamento e, como eu e ela dormíamos juntas, fiquei desesperada, pois tinha muito medo do escuro. Pareceu uma eternidade o retorno dela e de meu pai. Além disso, como os médicos falaram para o meu pai que a imunidade dela teria caído bastante, não podia ficar doente novamente, e a fisioterapia era encher balões, e, como eu nunca tinha visto um antes, queria encher também e ficar perto dela, mas meu pai

me afastava, dizendo que não. Sentia-me muito triste, mas entendia que era para o bem dela.

Na mesma época, perdi minha prima de cinco anos, e, juntamente a ela, sinto que também se foi uma parte de mim. Eu não compreendia a morte, e fiquei aterrorizada ao ouvir minha tia dizer que iria enterrá-la; eu “traduzi” esse fato, como uma criança, com pavor, como se ela não conseguisse mais respirar. Não era uma questão de entender o conceito de morte, mas a forma como a ausência se impunha de maneira tão abrupta e final, o que não podia ser revertido ou compreendido de imediato.

A morte, com sua frieza, sempre foi um mistério para mim, mas, naquele momento, quando fui confrontada com sua realidade tangível e sem explicações, o pavor tomou conta de mim. Essa sensação de impotência diante da morte nunca me deixou. Lembro-me também de ter presenciado a morte de um tio, irmão da minha mãe. Foi um episódio trágico, envolto em dor e sofrimento, em que um irmão tirou a vida do outro. O choque de testemunhar tamanha tragédia, essa ruptura irreparável,

não somente abalou a minha visão de família, mas também deixou uma marca profunda na minha alma. Vi o sofrimento estampado no rosto de todos ao meu redor, e o mais difícil era compreender como a dor e o desespero de uma pessoa poderiam levar a um ato tão extremo.

A morte, dessa vez, não foi apenas a partida de alguém querido, mas também um ato de violência, um reflexo de uma ruptura interna que, de alguma forma, eu não conseguia entender completamente. Esse episódio, tão marcante e devastador, influenciou minha decisão de me tornar advogada. De algum modo, foi como se a morte e a violência tivessem plantado em mim uma semente de justiça. Eu não queria que mais famílias passassem pelo mesmo sofrimento, não queria que a dor que senti com a perda de meu tio fosse repetida em outros lugares, em outras famílias. O desejo de entender o que leva uma pessoa a cometer um ato tão irreparável e de lutar para que a justiça fosse feita me impulsionou. Na minha mente jovem, ainda em busca de respostas, a ideia de fazer Justiça parecia uma forma

de dar sentido à tragédia, de impor uma ordem em um mundo caótico e sem explicações.

Estudar, para mim, era a única saída, e se tornou em minha vida quase uma obsessão. A educação tem essa capacidade única de transformar a dor. Não de apagá-la ou de fazer com que ela desapareça, mas de dar-lhe um significado, um direcionamento. Quando se vive com tanta dor, a sensação de estar à deriva é quase inevitável, como se tudo estivesse fora de controle. O conhecimento oferece uma âncora, uma estrutura. Estudar me permitiu transformar a dor em algo produtivo, uma forma de processar o sofrimento de maneira ativa. Enquanto a dor me paralisava, o estudo me fazia avançar, me dava um propósito, uma razão para seguir. Não era apenas o desejo de aprender, mas o impulso para compreender o mundo à minha volta, de entender as relações, as escolhas e as consequências. Essa ânsia por conhecimento me mantinha viva. Quando algum membro da minha família viajava para a cidade, a minha busca por informações não tinha limites. Eu pedia revistas, jornais, qualquer coisa que pudesse alimentar a minha

curiosidade.

Em casa, à noite, quando o silêncio se instalava e todos estavam adormecidos, eu aproveitava para mergulhar nas histórias do rádio de pilha. Era um ritual diário. Enquanto a casa repousava na escuridão, eu me perdia nas músicas, nas novelas, nas narrativas que surgiam das ondas do rádio. O rádio, para mim, era um portal. Era como se, a cada história que eu ouvia, eu pudesse sentir e viver outras vidas, compreender as complexidades das emoções humanas, mergulhar em realidades que iam além das minhas próprias experiências. O som das vozes alimentava minha imaginação e me fazia questionar as questões que, mais tarde, se tornariam fundamentais na minha jornada: por que as pessoas fazem o que fazem? O que as move? Quais são as forças que regem nossas escolhas e ações?

DESPREPARADA PARA A VIDA ADULTA

Eu sabia que, diante das minhas condições, os meus sonhos encontrariam barreiras pelo caminho. O tempo passou, e a vida seguiu seu curso, como sempre acontece. E surgiu a oportunidade de fazer um curso de dois anos em uma cidade distante: o antigo magistério, que me habilitaria a lecionar. O magistério surgiu (e surge) como uma alternativa não apenas para mim, mas para muitas pessoas que, como eu, estavam (e estão), especialmente em nosso país, imersas em um contexto de dificuldades e limitações.

Para quem vivenciou a dor da escassez — de recursos, de oportunidades, de apoio —, a educação se apresenta como uma libertação coletiva. Não posso deixar de compartilhar, neste livro, como educadora e psicóloga, que a visão que tenho da educação ressoa profundamente com os ensinamentos de nosso grande Paulo Freire, que compreendia a educação como um ato de libertação. Em sua pedagogia, a educação não é apenas um meio de transmitir conhecimento, mas um processo

transformador que permite aos sujeitos e grupos tomarem consciência de sua realidade, questionarem-na e, por meio dessa conscientização, se engajarem na transformação de seu mundo.

Em minha trajetória, o magistério não foi apenas uma profissão, mas uma ponte que conectou a dor individual à possibilidade de transformação social. Como Freire defendia, a educação deve ser um caminho para a autolibertação, para que o educando se perceba como agente de sua própria história, capaz de atuar sobre as forças que o oprimem. A dor que vivi, e que ainda carrego, não foi um fardo que me impediu de seguir em frente; ao contrário, ela se tornou um ponto de partida para o engajamento com a educação como uma ferramenta coletiva de transformação.

Freire falava sobre a educação como um ato de liberdade, no qual educadores e educandos se encontram em um processo dialógico de aprendizagem, em que ambos ensinam e aprendem. Assim como ele acreditava que a educação deve ser centrada na realidade concreta do estudante e nas questões sociais que o afetam, o

magistério se tornou, para mim, uma oportunidade de atuar como agente de mudança, e me ajudou a construir espaços de conscientização e de transformação pessoal e coletiva.

Freire dizia que a educação precisa ser libertadora, que deve ser uma prática de emancipação, e foi exatamente isso que o magistério me proporcionou: a possibilidade de sair da condição de vítima da dor e da escassez para uma posição de agente ativo na luta por um futuro mais justo. Ao ensinar, fui capaz de refletir com meus estudantes sobre as realidades que nos cercavam, sobre os obstáculos estruturais que nos limitavam, mas também sobre o poder que o conhecimento possui para romper essas limitações.

A educação, nesse sentido, se tornou um espaço de diálogo e resistência, como Freire enfatizava, em que a dor não é silenciada, mas é reconhecida, compreendida e transformada. Cada aula, cada conversa, cada olhar de entendimento com meus estudantes, me fez perceber que a educação, quando vivida de forma coletiva e libertadora, tem o poder de modificar não apenas as

trajetórias individuais, mas de reconfigurar a própria sociedade. A dor que eu vivi, assim como a dor dos meus alunos, se tornou um ponto de partida para a ação transformadora, para a construção de um mundo mais equânime e justo, um mundo em que o conhecimento não é um privilégio, mas uma ferramenta de libertação e igualdade.

Aquele curso se tornou um marco na minha vida. Muito além de uma oportunidade de aprendizado nas disciplinas, mas uma revelação sobre a força de persistir mesmo diante das adversidades. Embora as circunstâncias possam limitar nossos passos, elas não conseguem nos aprisionar por completo. Durante aqueles anos, me vi transformada. Aprendi, cresci e, pela primeira vez, senti que estava realmente mais próxima de concretizar o sonho de construir uma vida melhor. Na sala de aula, como futura professora, encontrei propósito.

Assim, atuei como Professora da Educação Básica juntamente à Prefeitura Municipal, possuía cerca de noventa alunos, lecionava na parte da manhã e à tarde.

Juntamente aos estudantes e às famílias destes, iniciamos um trabalho de plantações de hortaliças que contribuía para a produção de alimentos para todos os alunos na escola e, às vezes, estes eram disponibilizados para os irmãos destes que não possuíam alimentação em casa.

Sinto saudades daquele tempo, em que realizávamos brincadeiras, encontros, teatros e era visível no olhar a satisfação de todos, inclusive eu era bastante elogiada por esses propósitos. Mas eu não me sentia totalmente feliz — não pelos alunos, mas pela inquietação e a ânsia de ir além, e de aprender mais. Então, houve a troca de prefeituras e fui convidada para fazer um curso de dois anos, numa cidade de mais ou menos 136km de distância da minha, nas férias escolares. Tudo foi pago pela Prefeitura e este foi um dos melhores cursos de minha vida; uma verdadeira reciclagem.

Lecionei até o início do meu casamento. Conheci o meu primeiro cônjuge numa festa de casamento “de roça”; namorei por cerca de quatro anos por correspondência, aliás, quatro anos intermináveis. E tive de pedir demissão do cargo de docente que eu tanto amava para me reunir

com a minha família em São Paulo, onde o meu esposo trabalhava e morava. Naquele momento, deixar a minha família, meus estudantes, a minha vida simples, mas tranquila, e viver numa capital como sampa para uma denominada “caipira” não foi uma decisão fácil. Assim, como várias outras pessoas, iniciei uma batalha para arrumar emprego, e não conseguia. Sentia-me totalmente frustrada, mas sempre inquieta, calada, e não compartilhava com meu cônjuge essas angústias, para não sobrecarregá-lo.

Naquele período, para seguir a carreira de professor(a), exigia-se, no mínimo, a formação em magistério — um curso profissionalizante oferecido no Ensino Médio, equivalente, à época, à atual formação de graduação. Contudo, a realidade no interior do Brasil, de onde eu vinha e exercia minha profissão, era bem diferente.

Eu possuía um curso profissionalizante, mas o Ensino Médio, não, pois os meus pais, além de não permitirem, não tinham condições financeiras para eu estudar na cidade, já que, naquela época, só havia escola na fazenda até a quarta série do Ensino Fundamental —

uma realidade não tão remota no Brasil. Ouvi relatos de pessoas que atuaram em escolas sem formação específica para tal na década de noventa e, inclusive, atualmente, em vários estados, o que revela as limitações e dificuldades do nosso país em relação à Educação.

Uma pequena memória que me surgiu, e acho relevante compartilhar a respeito daquele tempo: quando terminei a quarta série, possuía, apenas, 10 anos de idade e chorei muito por parar de estudar. Uma mistura de sentimentos que não sei como mensurar, pois uma hora tinha raiva dos meus pais por ter aquele amontoado de filhos e não poder ao mínimo proporcionar os estudos e outra tinha compaixão e admiração deles de confiar, acreditar em uma força espiritual e na natureza de poder enviar a chuva no plantio e o sol na colheita para colher alimentos para o sustento de nossa família. Eu não pedia aos meus pais, simplesmente, dinheiro, vida boa, mas um voto de confiança de deixar eu partir. E coragem de trabalhar eu tinha, aliás eu tenho. Assim, eu pensava se meus pais permitiriam a saída do sítio; o resto eu daria conta. Faria serviço doméstico em troca

da hospedagem. Mas devo contar para vocês que isso não aconteceu, ou seja, meus pais não permitiram, hoje entendo que, diante da cultura que eles tiveram, não restava outra alternativa a não ser cuidar dos filhos de acordo com a educação que tiveram, aliás fizeram tudo que estavam aos seus alcances e conforme entendiam ser o correto. Lembro que um dia, chorando aos pés dos meus pais, implorando a permissão para ir em busca dos estudos, o meu pai me disse “....filha, olha não tenho só você, não tenho como mudar para a cidade, vivemos com o plantio e cultivo da terra e lá não vamos ter trabalho, nem emprego e nem casa. Aqui moramos, não temos luxo, mas não passamos fome e nem frio...”.

Com certeza, entendi o meu pai; ele não possuía outra alternativa, pois trabalhava de sol a sol para cultivar a terra e colher frutos para a alimentação de todos, ou seja, éramos quinze pessoas que ele e minha mãe tinham de dar conta; nós, ainda, estudamos até a quarta série e ele e minha mãe sabiam, apenas, ler e escrever, mas não tiveram nenhum estudo formal.

Sobre a minha trajetória em São Paulo, juntamente ao meu esposo, finalmente, podia namorar e viver minha sexualidade sem culpa, o que sempre me foi negado por uma cultura que condena o sexo antes do casamento, tratando-o como pecado. No entanto, mesmo com essa nova liberdade, ainda sentia muita inquietação a respeito da busca por conhecimento. Eu sabia que, no meu caso, se não continuasse me dedicando aos estudos, não conquistaria o emprego que almejava. Minha única perspectiva, até então, era, contra a minha vontade, atuar como recepcionista ou telefonista.

Percebi que a vontade de ser professora em si, embora fosse uma realização para mim, simplesmente não me capacitava para o tipo de emprego que eu almejava, especialmente, em São Paulo, apesar de eu ter acreditado no contrário, pela época.

Todos os dias eu andava a pé, pegava metrô e ônibus, sem conseguir alcançar o tão desejado cargo. Em uma dessas tentativas, uma entrevistadora me disse de forma direta: “primeiro, estude, depois tente procurar um emprego desse nível”. Essas palavras me marcaram

profundamente e tocaram, ainda mais, a necessidade de continuar minha jornada educacional. Percebi que, sem uma formação mais sólida, minhas opções de trabalho seriam limitadas. Naquela época não havia as facilidades de supletivos como hoje, e eu tinha pressa. Mas descobri um “provão” uma vez por ano, em nível do Ensino Médio, para eliminação de matérias. Dediquei-me, portanto, aos estudos sozinha em casa, e me inscrevi. Passei em Português e Matemática, mas, para adquirir o diploma, precisava terminar todas as matérias.

O CAMINHO DO AUTOCONHECIMENTO

Diante dos eventos que relatei, tive a minha primeira crise de pânico, tão forte que, até hoje me recordo, muito bem, do fato, pela maneira que um médico de um convênio conceituado em São Paulo tratou a situação, aduzindo que eu havia ingerido drogas e que estava obtendo os efeitos colaterais destas.

É curioso como a sociedade, muitas vezes, mal interpreta as pessoas, especialmente aquelas que se encontram em situações de marginalização. Em vez de oferecer acolhimento, ela as rotula, as estigmatiza, e isso cria um ciclo perverso de exclusão e sofrimento. A falta de compreensão, a indiferença diante da dor alheia, transforma as condições adversas em uma espécie de crime moral, em que a vítima deve pagar, como se fosse responsável pela sua própria marginalização. Isso, na verdade, gera um efeito colateral nas pessoas, uma desumanização que as impede de buscar ajuda ou de encontrar soluções reais para suas angústias, porque o próprio sistema tende a tratá-las como casos perdidos,

condenados à sua condição.

Tentei dizer para ele que nem mesmo conhecia droga e ele disse que era assim mesmo que ninguém admitia. Todavia, fez vários exames e, como não foi detectada nenhuma outra questão, como um infarto, então resolveram me sedar. Quando acordei, meu marido estava ao meu lado. A primeira coisa que vi foi seu rosto, uma expressão de alívio misturada com preocupação. Não tinha ideia de como cheguei ali, nem de como o tempo tinha se esticado desde aquele momento em que me vi consumida por uma sensação de pânico avassalador. Tudo estava nebuloso. Eu me sentia confusa, frágil, mas, ao mesmo tempo, segura por estar ao lado dele. Lembro que choramos muito, abraçados, como se a dor daquelas horas intermináveis pudesse ser dissipada naquele momento de cumplicidade e afeto. Ele, com a voz embargada, me disse: “meu amor, o que foi isso? Pensei que iria te perder, mas, diante de tudo o que aconteceu, que nem mesmo os médicos conseguiram entender, vamos pesquisar e entender isso.”

Essas palavras foram um alicerce para mim. A ideia de buscar uma explicação para o que eu havia vivido, de tentar compreender aquele turbilhão emocional, era algo que me dava alguma sensação de controle, em meio ao caos que me envolvia. Sabia que a dor não desapareceria da noite para o dia, mas a pesquisa, o estudo, o entendimento do que estava acontecendo comigo me proporcionaria uma maneira de, ao menos, não me sentir impotente diante do desconhecido. Começamos, então, a procurar respostas. Lembro de tentativas de consulta com diversos médicos, psicólogos e especialistas, mas a sensação de estar perdida e incompreendida nunca me deixou. Durante meses, as perguntas continuavam sem respostas, e a ideia de que algo estava profundamente errado com o meu corpo e a minha mente se instalava cada vez mais.

Somente dois anos depois, após uma segunda crise de pânico, finalmente compreendi o que estava acontecendo comigo. Foi nesse momento que a verdade sobre se revelou: eu estava sofrendo de crises de pânico, algo que, até então, eu não sabia nomear, mas que fazia todo

o sentido. A descoberta, embora tardia, trouxe um alívio, pois, finalmente, eu sabia o que estava acontecendo comigo. No entanto, esse alívio foi rapidamente tomado por uma onda de dor mais profunda. A crise de pânico, a sensação de perda de controle, não se comparava ao luto que eu estava prestes a vivenciar, o que seria mais devastador do que eu jamais imaginara.

Pouco tempo depois dessa descoberta, perdi meu marido e minha irmã em um acidente de carro, enquanto retornávamos de um velório de nossa outra irmã, que havia falecido tragicamente por afogamento. E eu fui uma sobrevivente dessa tragédia. Acordei, no hospital, sem entender. Não havia palavras que pudessem dar conta de tamanha dor. Era como se o mundo tivesse desmoronado sobre mim, e o que restava era um vazio profundo, uma ausência que ecoava em cada canto da minha vida. Como se o luto por uma vida já partida não fosse o suficiente, a vida me arrancou, de maneira brutal, as pessoas que ainda restavam. Não havia palavras, nem consolo, que pudessem traduzir a dor que eu sentia.

Era uma dor tão profunda que parecia transcender a própria existência. Até hoje tenho sequelas desse acontecimento. E viver não é mesmo o que esperamos. A vida não está em nosso controle. E aprender a lidar com isso exige um desapego que é muito difícil de ser construído. Esse foi o golpe mais duro que a vida me deu até aquele momento. Durante o luto, me vi em um turbilhão de emoções, de dúvidas, de questionamentos. O pânico, que antes parecia ser algo difícil de entender, agora se tornava quase uma metáfora para o que sentia. A falta de controle, a sensação de estar em um lugar onde nada faz sentido, foi intensificada pela tragédia. A luta incessante para entender o que estava acontecendo, a busca desesperada por respostas, por um significado, parecia de repente irrelevante. As angústias que me consumiram durante tanto tempo — as perguntas, os questionamentos, as tentativas de compreender o pânico e a dor que me habitaram — tornaram-se detalhes diante da tragédia que se abateu sobre minha família. Eu me vi diante de uma verdade nua e crua: a vida é efêmera, frágil, e nada, absolutamente nada, está ao nosso alcance. As palavras “falta de controle” nunca

fizeram tanto sentido.

Não havia sentido algum em tentar compreender a tragédia, nem em buscar respostas para um sofrimento que, por mais que eu tentasse racionalizar, jamais seria passível de explicação. O que eu vivia era a constatação de que a vida é incerta, que estamos sempre à mercê de forças maiores que nos ultrapassam. Em meio a essa espiral de dor, percebi que as respostas que tanto busquei ao longo dos anos não seriam nunca suficientes para explicar a magnitude da perda, da angústia, do vazio. No fim, restou-me a impotência diante do caos, a aceitação de que a vida, com todas as suas belezas e crueldades, não tem resposta, não tem sentido claro, e que estamos, todos nós, sujeitos a seus caprichos imprevistos. Assim, trabalhei a minha fé; não como uma fuga, mas como um pilar para sustentar o peso da incerteza. Reaprendi a encontrar beleza nas pequenas coisas e a me apegar às pessoas, mesmo sabendo que tudo é transitório. Essa compreensão, embora dolorosa, trouxe-me uma força serena e uma humildade diante do mistério da existência. E este, penso, hoje, foi o

estopim, também, para me tornar psicóloga. Retornarei o assunto mais adiante, assim como a minha trajetória como advogada.

Embora a tragédia tenha me marcado profundamente, ela também me fez compreender, de maneira dolorosa, que a vida não é sobre encontrar respostas para tudo, mas sobre aprender a viver com as perguntas e com os desafios que surgem. A busca pela verdade sobre o pânico me levou a uma descoberta ainda mais profunda: a vida é frágil, e o que temos de mais valioso é o amor, a conexão com as pessoas ao nosso redor, e a capacidade de, mesmo em meio à dor, continuar buscando significado.

Essa profunda reflexão sobre a vida, o sofrimento e as perdas tornou-se o alicerce da minha recuperação, fortalecida pela minha fé, pelo desapego às questões materiais e pela minha conexão com a espiritualidade. Viver, por si só, inevitavelmente culmina em dor — uma experiência quase instintiva, profundamente visceral, como algo que nos conecta à nossa própria condição animal. Apegar-se à superficialidade, aos prazeres fugazes ou às distrações efêmeras, apenas prolonga o

vazio, sem jamais preencher a necessidade de sentido. A educação, sem dúvida, é uma ferramenta poderosa; ela amplia horizontes, instiga reflexões e oferece caminhos para compreensão. Contudo, é a fé — essa ligação íntima e profunda com nós mesmos, no reconhecimento de que também somos criadores — que confere propósito à vida, permitindo-nos transcender as adversidades e encontrar sentido em meio ao caos.

Eu não estava mais em uma busca incessante por respostas definitivas, mas de um processo de aceitação, de transformação interior. O sofrimento, por mais intenso que fosse, começou a ser visto como uma oportunidade de crescimento, de conexão com o que realmente importa. E, com o tempo, a dor foi se tornando mais suave, e a vida, com seus altos e baixos, passou a ser apreciada de uma maneira mais profunda, mais consciente.

A somatória de todos esses eventos intensos, na época, me causaram amnésia traumática; aliás sequer lembrava ou tinha a percepção de onde estava. Iniciei um tratamento psiquiátrico e, assim, compreendi, por

meio do médico que me tratou, que tive uma crise de síndrome de pânico. Esse profissional fez a diferença em minha vida, até hoje somos amigos; ele foi muito importante para mim e para o parto do meu filho, do qual tratarei em outra seção.

Como relatei anteriormente, quando criança, sem muito subsídio, entendia a morte como se a pessoa tivesse consciência, e o enterro fosse o sofrimento para o corpo; sensação de sufocamento. Quando minha “prima irmã” de cinco anos faleceu, minha tia aduziu “que sofrimento meu Deus de ver enterrar a minha filha”. Então, saí de perto e comecei a ter sensação de sufocamento por pensar que ela seria enterrada, e não mais respiraria. Se eu decidisse relatar todas as mortes que enfrentei na família quando criança, adolescente, jovem e adulta, dedicaria-me a um livro para cada vivência.

Tenho a plena consciência de que essas vivências me fortaleceram. E preciso dizer isso, principalmente, porque esta é a grande dor de nossa existência, universal, e todos irão enfrentá-la, mais cedo ou mais tarde. Não podemos, entretanto, viver com certezas, apegados à

matéria, porque isso tudo é ilusão, e fonte do mais puro sofrimento. A vida é uma passagem, é um fluxo, como um rio. Mas devemos seguir com a correnteza. A travessia se faz caminhando; é um processo de construção inacabado, em busca de um bem maior.

Retornei, então, à minha batalha por emprego e, como já havia aprendido que não podia mencionar que não possuía nem mesmo o Ensino Médio, pensei comigo: “vou falar apenas que fui professora”, e assim foi feito. Não consegui, entretanto, permanecer em São Paulo, capital. Eu já não cabia mais ali. E eu não queria retornar para a realidade de meus pais. No acidente, sobreviveu também um outro irmão meu, que se machucou muito, inclusive, e teve de realizar cirurgia após o acidente. Posteriormente, com o apoio dele, decidi ir para Ribeirão Preto, onde ele morava. Na época, eu tinha ficado na capital com uma irmã que também morava ali. E ela mesma sugeriu que mudássemos para Ribeirão Preto. E fiquei hospedada um tempo na casa desse meu irmão, que sobreviveu ao acidente comigo.

A minha dor ainda era grande, e a casa dele não me trouxe conforto interno. Não consegui permanecer ali. E, andando pela cidade, encontrei uma placa de uma casa à venda. Uma casa simples. Fiz um negócio, apesar das minhas dificuldades, com o dono e esta oportunidade influenciou a minha vida atualmente, pois, em frente à casa, posteriormente, conheci o meu atual esposo, e pude ter um novo começo, amar e ser amada novamente, ter uma família.

Em Ribeirão Preto, participei de um processo de entrevista de emprego para atuar em um escritório de advocacia. Ao chegar lá, havia vários jovens de, mais ou menos, dezesseis a vinte anos. Pensei, provavelmente, que não teria chances. Queria ir embora, mas fiquei para a entrevista. Então, o advogado me chamou, enquanto a cônjuge dele, também advogada, estava colhendo informações de outra candidata. Eles me apresentaram o escritório, e fui simpática. Quando iniciei a entrevista, só me lembro de duas perguntas que ela me fez: “qual é o seu signo?” E “você já possui experiência?”. Eu respondi que era professora da Educação Básica, mas

não via dificuldades em aprender a rotina de uma advocacia, e que estava disposta a aprender o que me fosse ensinado. Ela me disse, então, para aguardar que, em breve, daria a resposta. Retornei para casa triste, mas esperançosa. Mais ou menos, às vinte e duas horas, a minha vizinha me chamou e disse: “ligou a pessoa com quem você foi fazer entrevista e disse para você retornar lá ainda hoje”. Naquele momento, eu tampouco tinha o dinheiro do ônibus para ir e voltar sem comprometer o meu orçamento. Além disso, os ônibus paravam de funcionar, salvo engano, entre vinte e três e meia noite. Mas imaginei que, se tivessem ligado, é porque eu tinha chances. Simplesmente fui. Ao chegar lá, ela me disse: “você pode iniciar amanhã?” Disse, com certeza, que sim. E, como demorou muito para ela me explicar todas as minhas funções, quando cheguei no ponto de ônibus, não havia mais ônibus naquele horário. Assim, fui até a rodoviária e passei a noite sentada em um banco. Quando o sol nasceu, levantei-me e fui ao trabalho, onde permaneci até as dezoito horas. Não havia dormido uma noite sequer, e, mesmo com o corpo exausto e os olhos pesados de sono, fui adiante, cumprindo o

dia inteiro com uma sensação estranha de realização. Havia um peso de cansaço, é verdade, mas também uma gratidão silenciosa, porque, naquele momento, alguém finalmente me ofereceu a chance que eu tanto desejava: a oportunidade de demonstrar que eu era capaz, de conquistar, enfim, um emprego.

No primeiro salário, o meu chefe me presenteou um valor superior a mais de trinta por cento e, ainda, me disse “você merece mais, mas é que eu não tenho, senão lhe daria mais; você fez além do que eu precisava”. Eu me sentia feliz, e o trabalho representava a fuga que eu precisava para não pensar nas tragédias que tinha atingido o meu psicológico. E, para satisfazer as necessidades do escritório, que eram muitas; quanto eu mais trabalhava, mais serviços me era delegado. O tempo passou e, um dia, em tratamento psicológico, fui alertada no sentido de que eu precisava ter um tempo de lazer e descanso. Inicialmente, havia ficado revoltada com a informação da psicóloga, pois não enxergava que não cumpriam, no meu trabalho, a legislação trabalhista. Como eu precisava de fuga da minha realidade, e de

distanciamento de mim mesma, e de meus problemas, o meu trabalho era fonte de grande satisfação para todos, especialmente para eles. Eu trabalhava, na época, praticamente, quatorze horas por dia e eles também tinham uma vida completamente desestruturada e desorganizada, e eu os servia bem nesse sentido, e dava conta de tudo. Embora eu tenha sido, por muitos anos, uma *workaholic*, como atualmente chamamos, tenho plena consciência, hoje, de que fui bastante explorada, mas sou grata pela oportunidade que o trabalho me ofereceu.

O trabalho, em sua essência, tem o poder de dignificar o ser humano, de nos tirar do desconforto psicológico e nos colocar em movimento, em busca de algo maior. Ele foi meu refúgio, a chave que abriu portas para novos horizontes. Aprendi a ver flores e oportunidades em cada desafio, a não remoer o que já passou ou me fixar no que deu errado. Acredito que a paz somente é possível porque a guerra existe; crescemos e aprendemos com o sofrimento, e é na adversidade que muitas vezes encontramos a força para seguir em frente. Tenho

consciência de que, se tivesse me feito de vítima, jamais teria chegado onde estou. Não tenho dúvidas de que é possível vencer, mesmo diante do sofrimento. A responsabilidade por nossas escolhas é exclusivamente nossa, e cada escolha é uma renúncia e traz suas consequências. É simples refletir sobre isso: ninguém colhe rosas se planta espinhos, como diz o velho ditado. Atualmente atendo, em meu escritório, mais ou menos , cinquenta pessoas por semana e, conseqüentemente, umas duzentas pessoas mensais. Nem um por cento dessas pessoas tem, ao menos, o Ensino Médio, mesmo com as facilidades que temos hoje de diversidades de escolas voltadas ao ensino de Educação de Jovens e Adultos (EJA), supletivos etc. Aliás, tenho observado e pesquisado sobre a formação escolar e a origem de nascimentos desses clientes. Sinceramente, preocupo-me com essas situação, em virtude de, na maioria das vezes, quando indago para os clientes a naturalidade, formação, estado civil, uma grande parcela afirma: “posso segunda, terceira ou quarta série, pois tive de parar de estudar para trabalhar ou meus pais não deixaram.....” Quando questiono a razão de, na primeira

oportunidade que tiveram, não terem corrido atrás, as pessoas dizem: “...hoje já é tarde, é difícil, não dou conta, não consigo”.

Talvez seja mais fácil culpar os outros pelos nossos fracassos do que nós mesmos. Aliás, eu tenho a certeza de que não podemos culpar ninguém exceto a nós mesmos pelo que fazemos e pelo que não fazemos; a vida é uma escolha. Se estamos aqui, temos de seguir adiante; não há outra alternativa a não ser dar conta de tudo. Assim, poderemos aumentar ou diminuir nossos próprios sofrimentos e como não tenho a menor dúvida de que não quero aumentar o meu sofrimento, pelo contrário quero diminuir e fazer a confirmação de que somos capazes de vencer mesmo diante de todos os obstáculos que nos cercam, resolvi seguir em frente, caminhando, tirando as pedras do caminho, mesmo sangrando fiz a escolha por continuar caminhando, sem ter de ficar parada e perder a oportunidade da permissão que me fora dada. Uma das verdades mais profundas e, ao mesmo tempo, dolorosas que podemos encarar na vida é a seguinte: o desperdício desta está

no amor que não damos e nas oportunidades que não agarramos.

É com um sentimento profundo de compaixão que observo, diariamente, seres humanos, alguns com sessenta, setenta e até oitenta anos de idade, que não têm um lar para morar, que pagam aluguel e não possuem uma aposentadoria. Esses mesmos sujeitos, durante toda a sua vida, trabalharam e contribuíram para o sistema previdenciário, acreditando que, ao chegarem à velhice, teriam direito à tão sonhada aposentadoria. No entanto, quando chegam ao ponto de precisar desse amparo, a realidade se apresenta de forma cruel. Descobrem, tardiamente, que não têm o direito de se aposentar. E, muitas vezes, me deparo com uma pergunta angustiante que ecoa em suas vozes: “mas eu não posso me aposentar por idade?”

É difícil, para muitos, compreender que o INSS — o Instituto Nacional de Seguro Social — é um seguro. E, como qualquer seguro, para que ele tenha efeito, é necessário contratá-lo e pagar as contribuições devidas. É desafiador, para essas pessoas, entenderem que, por

não terem contribuído de forma consistente durante sua trajetória, a cobertura que tanto almejavam não se materializou.

Essa realidade, que parece tão distante para alguns, me incomoda profundamente. Ela me motiva a agir, a procurar formas de orientar essas pessoas para que possam, ao menos, contribuir de maneira correta. Sei que, para muitos, um salário mínimo pode parecer uma quantia irrisória, especialmente para uma pessoa idosa que paga aluguel e enfrenta os desafios de uma saúde debilitada. Mas, ao compreenderem que essa contribuição, por menor que seja, faz toda a diferença no futuro, elas ganham uma nova perspectiva de vida.

Ainda assim, não sou ingênua a ponto de acreditar que posso mudar a realidade de todas as pessoas. Mas, como já dizia a famosa história do beija-flor, que, ao ver uma floresta em chamas, vai até o oceano buscar uma gota de água para jogar no fogo, faço a minha parte. Podem rir, podem criticar, mas acredito que, se todos fizermos a nossa parte, seremos capazes de apagar o incêndio. Não me sinto grandiosa por agir assim, mas sim honrada

por ter a oportunidade de contribuir com aquilo que posso. Afinal, é isso que cada um de nós pode fazer: dar o melhor de si em suas próprias limitações.

E é justamente a consciência da importância de agir que me leva a refletir sobre a minha própria trajetória. Ao olhar para minha vida, sei que minha chegada ao Ensino Superior não foi fácil. Quando eu tinha apenas cinco anos, já pensava em ser advogada. E, mesmo quando a realidade parecia desafiadora, não desisti. Enfrentei as dificuldades de um longo caminho e agarrei as oportunidades quando elas surgiram. O supletivo foi uma alternativa para terminar os estudos. Posteriormente, como não tinha recursos financeiros para pagar uma faculdade particular, decidi que faria tudo o que fosse necessário para alcançar meu objetivo. Eu não tinha o dinheiro da matrícula, então tomei um empréstimo em duas instituições financeiras para cobrir os custos. Embora meu salário não fosse suficiente para cobrir nem mesmo a mensalidade, fiz os dois empréstimos e consegui pagar a matrícula.

O que mais me motivava naquele momento era a vontade de estudar. A sede de conhecimento era tamanha que não pensei nas consequências, nas mensalidades que precisaria pagar ou no peso dos empréstimos. Tudo o que eu sabia era que precisava aproveitar aquela oportunidade. O sacrifício estava além do que eu poderia imaginar, mas o desejo de aprender era maior do que qualquer obstáculo.

Após garantir minha matrícula, combinei com meus empregadores que faria o curso de manhã e, em seguida, seguiria diretamente para o trabalho. Assim, conseguia completar as oito horas de trabalho. No entanto, logo percebi que o ritmo de vida que havia escolhido era insustentável. As longas jornadas de estudo e trabalho estavam me desgastando. Muitas noites, eu saía do trabalho por volta das onze ou meia-noite e, como não tinha dinheiro para pagar o transporte público, precisava caminhar até minha casa.

O caminho parecia cada vez mais difícil, mas, para minha surpresa, havia algo mais em minha vida que me faria repensar minhas prioridades.

SER MÃE E MULHER: A MATERNIDADE

Quando o meu primeiro esposo faleceu, eu não tinha, ainda, me estruturado financeira e profissionalmente. Entretanto, devido a um seguro feito pelo meu ex-marido, e a um carro que tínhamos na época, um Gol, consegui fazer negócio na casinha simples que encontrei à venda em Ribeirão Preto. E, até sair a pensão por morte, enfrentei, ainda, muitas dificuldades.

De frente à minha casa, morava o meu atual companheiro. E, com o tempo, apesar de minha dor, me apaixonei novamente. Quando decidimos viver juntos, ele se mudou para a minha casa e, depois, me mudei para a casa dele e aluguei a minha, para ter alguma renda.

Então, descobri que estava grávida de meu filho amado, um verdadeiro presente de Deus. A felicidade que senti naquele momento é indescritível. E, apesar de todo o meu empenho para estudar, havia algo ainda mais importante: a minha criança. A minha maternidade me ensinou uma lição profunda sobre o que realmente é essencial.

Quando meu filho nasceu, tive de fazer uma pausa. Posteriormente, voltei para o segundo ano da faculdade, mas a realidade era que não conseguia conciliar o estudo com as responsabilidades de ser mãe. A decisão que tomei foi deixar o trabalho e trancar a minha matrícula. Meu filho precisava de mim, e eu, como mãe, estava disposta a estar ao lado dele para ajudá-lo a crescer de forma saudável e feliz. Li muito sobre o impacto da ausência da mãe nos primeiros anos de vida, e não queria que ele sofresse com isso.

Fui em busca de novos caminhos. Quando meu filho completou três anos, retornei ao mercado de trabalho e, com muito esforço, consegui comprar um carro e voltar para a faculdade. A empolgação era renovada, e eu estava disposta a conquistar meus objetivos. No entanto, o destino tinha mais desafios reservados para mim. Minha patroa, que sempre me apoiou, precisou desligar-se de suas funções, e fui demitida do trabalho. Mais uma vez, enfrentei a adversidade, mas não desisti.

A vida seguia seu curso, e eu continuei buscando formas de superar os obstáculos. Comecei a realizar

serviços extras, como aposentadorias administrativas no INSS. Aquele esforço inicial, de ir para a fila ainda de madrugada, tornou-se uma prática habitual, e logo comecei a atrair clientes. Com isso, fui conseguindo sustentar minha jornada, e as peças começaram a se encaixar novamente.

À medida que minha trajetória se desenrolava, percebi a importância das oportunidades que surgem ao longo da vida. Ao refletir sobre minha história, vejo que cada desafio, cada escolha, e até mesmo os momentos de dificuldade, foram fundamentais para minha formação e para o que sou hoje. Sei que não sou única em minha luta, mas também sei que, da mesma forma que cada gota d'água faz diferença, cada passo que damos em direção aos nossos sonhos tem o poder de mudar a nossa realidade.

Quando retornei à universidade, paguei somente a matrícula e as mensalidades venciam. Quando chegava o período de renovação da matrícula, eu parcelava os débitos em cheques e negociava a cada cheque. Assim, tive uma ideia, pois não aguentava dever e não

queria parar com a faculdade; resolvi escrever uma carta para a faculdade, contando a minha história. Nesse sentido, a faculdade, além de me dar um bom desconto, me colocou no Juizado Especial Cível da faculdade para realizar as audiências de mediações, entre outras atividades jurídicas todas as sextas-feiras, à tarde.

Conversei com meu patrão e ele não aceitou. Então, naquele momento instantâneo, fiz as contas em mente e disse “não estou pedindo sua autorização, estou apenas lhe comunicando, pois sei que é necessário para mim e caso você não acredite que jamais vou deixar de cumprir com as minhas obrigações com você, neste momento, pedirei o meu desligamento”. Além disso, eu também disse, “você não precisa controlar o meu horário e sim os trabalhos que eu realizo.”

Ao pronunciar aquelas palavras, senti uma imensa sensação de liberdade. Não se tratava, simplesmente, de um ato de rebeldia ou de insubordinação, mas de um momento crucial em que eu tomava as rédeas da minha própria vida. Diante de tantas dificuldades, de tantas vozes abafadas e sonhos represados, eu

coloquei a minha voz no mundo. Em um ambiente onde o sofrimento e as limitações são muitas vezes impostos pelas circunstâncias, eu decidi me libertar das amarras que me aprisionavam. Não era mais uma questão de aceitar passivamente o que me era dado, mas de afirmar minha autonomia, meu direito de buscar aquilo que realmente acreditava ser essencial para o meu bem-estar.

Naquele instante, não havia mais medo ou hesitação. A frase que saía de minha boca, declarando que não pedira autorização e que cumpriria minhas obrigações da maneira que entendesse ser justa, foi um grito de força e autodeterminação. No meio de tantas adversidades, eu sentia como se tivesse finalmente me reencontrado e, mais do que nunca, estava disposta a lutar pela minha própria voz em um mundo que muitas vezes tenta silenciá-la.

Ele imediatamente respondeu, “eu aceito, o importante é você dar conta e você já me provou que é capaz de dar conta”. Assim, com os trabalhos extras das aposentadorias administrativas, o estágio na faculdade, paguei o carro,

paguei todas as mensalidades da faculdade vencidas e, quando terminei a faculdade, não devia mais nenhuma mensalidade.

Voltando um pouco naquela cartinha que eu escrevi para a faculdade. Um dia, aleatoriamente, e por curiosidade, pesquisei meu nome no Google e, para a minha surpresa, a minha história estava em uma página do Governo de São Paulo, numa página de histórias denominadas “quando me lembro” , mais ou menos assim: “vencer apesar dos sofrimentos...”. Confesso que fiquei um pouco assustada, pois não sentia confortável em alguém saber da minha história, e não quero que as pessoas tenham pena de mim. Eu acredito profundamente que somos todos parte de uma unidade maior, algo que transcende nossa compreensão humana, que chamo de Deus. Nossa existência neste mundo não é acidental ou passageira; ela faz parte de um propósito maior, algo que se estende além de nossas vidas individuais, mas também se reflete nelas. A vida é um fio que se entrelaça em uma teia complexa, em que cada ato, cada escolha, tem um impacto não apenas sobre nós mesmos, mas

sobre todos ao nosso redor. Nesse sentido, acredito que a verdadeira essência de nossa jornada está em compreender que não estamos aqui para simplesmente existir, mas para fazer a diferença, para contribuir para algo maior do que nossas próprias ambições ou desejos egoístas.

Essa noção de propósito, embora seja também individual, não se restringe a um caminho solitário ou individualista. Somos parte de algo maior, e, sozinhos, somos apenas uma fração do todo. Cada um de nós, por mais importante que sejamos em nossa singularidade, não tem real valor sem a interação com os outros. A verdadeira riqueza da vida está em nossas conexões, em como impactamos e somos impactados pelas pessoas ao nosso redor. É por isso que, ao observarmos qualquer injustiça ou sofrimento, sentimos uma chamada interna para agir. Não podemos fechar os olhos, não podemos permanecer indiferentes. Devemos nos colocar no lugar do outro, não apenas como uma forma de empatia, mas como uma responsabilidade compartilhada. O sofrimento de um é o sofrimento de todos, e é nossa missão, enquanto

seres humanos conscientes de nosso propósito, lutar por justiça e igualdade. Cada manifestação de injustiça é um convite para que nos levantemos, para que nossas ações não sejam apenas sobre nós, mas sobre todos. Este é, com certeza, o nosso maior propósito como seres humanos.

Minha vida foi, sem dúvida, marcada por momentos desafiadores que, à primeira vista, poderiam parecer insuperáveis. Em vários desses momentos, senti que o peso era quase demais para suportar, mas busquei encontrar um significado maior nas adversidades. Para mim, esses momentos difíceis foram um convite para me aproximar de algo maior, uma busca constante por força e acolhimento divino. Ao longo do tempo, aprendi a observar cada obstáculo não como um fardo, mas como uma oportunidade de crescimento. Para muitos, o sofrimento pode parecer uma justificativa para o lamento ou até para a desistência. Mas, com um pouco de bom senso, ao nos agarrarmos à adversidade como uma oportunidade de aprendizado, não estamos apenas passando por um desafio, mas moldando quem somos

de maneira mais sólida e verdadeira. O que me salvou, em última instância, foi o compromisso comigo mesma, com a minha capacidade de enfrentar e superar. Essa perspectiva não é algo inato, mas sim uma escolha consciente, algo que diz respeito ao nosso caráter e à forma como escolhemos lidar com as dificuldades. Poderia ter me perdido no lamento e na autopiedade, mas foi na decisão de buscar uma resposta positiva, de enxergar cada desafio como uma chance de evolução, que encontrei a verdadeira força.

Em um desses momentos, de transformação e aprendizado, recebi um presente em minha vida que mudou tudo: meu filho. Não consigo descrever com palavras o turbilhão de sentimentos que tomou conta de mim quando recebi a notícia da gravidez. Cada mês que passava, e a certeza de que uma vida sublime crescia dentro de mim, me fazia sentir uma conexão profunda com o divino. Eu me via como a mulher mais poderosa do mundo, radiante de felicidade e gratidão. Durante aqueles meses, conversava com ele, ouvíamos músicas juntos, fazíamos caminhadas e me alimentava com muito

cuidado e carinho, pois sentia que era fundamental proporcionar o melhor para o pequeno ser que estava por vir. Eu sabia que a energia positiva que eu irradiava também tocava as pessoas ao meu redor. Sempre que eu passava, sentia uma troca, uma alegria compartilhada, como se todos pudessem perceber o brilho que aquela nova vida trazia não somente para mim, mas para todos que estavam ao meu redor.

O momento do nascimento do meu filho foi, sem dúvida, um dos mais marcantes da minha vida. Quando o médico o trouxe para perto de mim, ele chorava desesperadamente, e, naquele momento, algo dentro de mim se alterou profundamente — algo visceral, próprio de uma mãe. Eu o segurei com todo o meu ser, e, ao encostar meu rosto no dele, disse: “meu amor, a mamãe disse que este momento era doloroso para nós, mas que era necessário para você estar nos meus braços.” Ele se aquietou imediatamente. O médico, emocionado, comentou: “meu Deus, que coisa linda, essa ligação.” Era a primeira vez que eu o via, mas parecia que já nos conhecíamos há muito tempo. Depois de um

parto cesáreo que me deixou cansada, mas não disposta a deixar meu filho longe de mim, voltei para casa no domingo, já com o Rafa nos meus braços. Eu queria estar com ele o tempo todo, e ele, por sua vez, parecia tranquilo. Desde a primeira noite, dormia como um anjo, e, durante o dia, alimentava-se e dormia com uma calma que me surpreendia. Nunca soube o que era acordar à noite desesperada com choros ou cólicas, um cenário que muitos pais descrevem com tanta frequência.

No entanto, aquela paz dos primeiros meses foi bruscamente interrompida — mais uma vez —, por um evento de perda, a morte do meu pai. A dor foi imensa. Cada luto anterior já havia me ensinado a sobreviver, mas, dessa vez, a ausência de meu pai trouxe uma nova perspectiva de vazio, algo que não podia ser preenchido, e a certeza de que a morte tem uma forma própria de redefinir a vida.

Eu estava no auge da felicidade, com um filho recém-nascido, e o golpe foi ainda mais forte. Meu leite secou de forma repentina, e o Rafa, que ainda estava em fase de amamentação, recusava qualquer tipo de leite substituto.

Ele começou a perder peso, e então, a médica, com muito tato, sugeriu a introdução de frutas e papinhas. Foi uma mudança difícil, mas necessária, e, ainda assim, o Rafa se manteve calmo, saudável e feliz. Quando ele completou oito meses, começou a andar; logo as praças e clubes se tornaram nossos pontos de encontro favoritos. Eu deixava de lado qualquer compromisso ou tarefa para brincar com ele, para vê-lo explorar o mundo com aqueles primeiros passos hesitantes, mas firmes. Havia uma curiosidade em seus olhos que eu não conseguia ignorar.

Uma das memórias mais marcantes de nossa convivência aconteceu quando ele ainda era muito pequeno. Não me lembro exatamente da sua idade, mas era uma dessas tardes em que estávamos passeando juntos. Ele, saltitando, pegou minhas mãos e me disse: “mamãe, olha para mim. Eu escolhi você lá no céu para ser minha mãe.” Naquele momento, eu fiquei em choque. Ele, tão jovem, continuava: “tinha várias mamães, mas eu escolhi você.” E então, ele chorou, abraçado a mim, em um choro profundo de emoção, e, por um momento, eu senti que

ali havia algo maior entre nós. Aquelas palavras, ditas com tanta sinceridade, marcaram um antes e depois na nossa relação. Eu nunca vou esquecer aquele instante, nem o lugar onde estávamos.

Outra memória que me emociona foi o momento em que soube o sexo do bebê. Quando descobri que estava grávida, eu e meu companheiro decidimos que, se fosse menino, ele escolheria o nome, e, se fosse menina, eu escolheria. Durante os meses seguintes, a ansiedade foi crescendo em mim, esperando para saber qual nome ele escolheria. Ele, por sua vez, parecia tranquilo, e nunca falava sobre isso, o que aumentava a minha curiosidade. Até que, em uma consulta médica, durante o exame, meu marido, sem pensar, perguntou ao médico: “como está o Rafael?” Quando ouvi aquilo, não consegui conter as lágrimas. Foi como se algo dentro de mim tivesse se revelado naquele momento. Desde a minha infância, eu rezava para o meu anjo da guarda, e, ao ouvir aquele nome, tudo fez sentido. Eu havia escolhido o nome de Rafael, sem saber que ele já estava em meu coração desde antes. Não havia contado essa história para ninguém até

aquele momento, mas, ao ouvir meu marido mencionar esse nome, soube que aquele era, sem dúvida, o nome que ele deveria ter.

Aquele momento foi, de fato, um ponto de virada para mim. Desde o momento em que Rafael nasceu, ele se tornou o meu presente de Deus, o meu anjo da guarda, minha maior felicidade. Mas também percebi que a tarefa de ser mãe de um filho exigiria mais do que apenas amor. Era preciso educação, responsabilidade e compromisso. Rafael cresceu com um senso de responsabilidade que, às vezes, me surpreende. Quando ele se tornou um adulto jovem, demonstrava um nível de maturidade que era difícil de acreditar, considerando que ele foi criado em um ambiente de amor incondicional, mas também de disciplina e valorização da educação e de princípios.

Hoje, vejo como a educação de Rafael, fundamentada no amor, na gratidão e na responsabilidade, o preparou para a vida. Ele mora sozinho, cuida de sua casa com competência, e sabe administrar sua vida pessoal com seriedade. Tem um senso de educação financeira admirável, algo que muitos jovens de sua idade não têm

a chance de desenvolver. Ele cresceu sendo uma pessoa autossuficiente, alguém que entende a importância de gerir suas próprias finanças, de ser responsável por suas escolhas e de seguir em frente com sua vida, independentemente de mim. E isso, para mim, é a maior realização. O mais impressionante é que, ao mesmo tempo que o educava, também o deixava seguir o seu próprio caminho, sem sufocá-lo. Isso me dá uma paz imensa, pois vejo que, mesmo sem a minha presença constante, Rafael é capaz de levar a vida com maturidade e equilíbrio.

Muitos pais, no esforço de proteger seus filhos, delegam a educação a outros, seja à escola, aos avós ou, inclusive, a terceiros. Isso resulta em filhos que, muitas vezes, se tornam dependentes, não somente de seus pais, mas do mundo à sua volta. O sofrimento psíquico entre essas crianças, adolescentes e jovens adultos é muito maior do que imaginamos. E é a partir dessa reflexão que entendo que, ao investir na formação de um ser humano, é fundamental ser presente, mas também permitir que ele tenha espaço para crescer, aprender

e se tornar responsável por suas escolhas. É a base de sua personalidade, e é isso que molda o ser humano que ele se tornará.

A MINHA FACETA NA EDUCAÇÃO

Minha trajetória profissional não começou de forma planejada, mas, sim, como uma resposta às adversidades e aos questionamentos que surgiram em minha vida. Desde a infância, marcada pela luta constante contra a escassez de recursos e as durezas do campo, aprendi a observar o mundo com um olhar crítico. A realidade difícil que eu e minha família enfrentamos me impulsionou a buscar sentido em cada dificuldade, a ver nas adversidades uma oportunidade de transformação.

O primeiro passo nesse caminho foi a Educação. A infância no campo foi difícil, mas, ao mesmo tempo, me apresentou o poder da aprendizagem. Na escola, encontrei uma forma de escapar da dura realidade e, ao mesmo tempo, uma maneira de me conectar com o mundo além dos limites do campo. A educação se tornou meu refúgio e minha motivação. Quando via minha mãe se esforçando para garantir o mínimo para nossa sobrevivência, percebia, mais do que nunca, a importância de uma mente bem treinada. O

conhecimento parecia ser a chave para ultrapassar as barreiras que a vida impunha. Ensinar, para mim, tornou-se uma forma de transformar, de levar a outras pessoas o que eu mesma havia encontrado: a possibilidade de um futuro melhor por meio da educação.

Porém, ao longo dessa jornada, uma dor profunda me levou a questionar mais sobre a vida e sobre o sistema que regia nossa sociedade. A morte precoce da minha prima, vítima de um erro médico, deixou marcas que eu ainda carrego. Não se tratava apenas de uma perda pessoal, mas de uma falha sistêmica que eu não podia ignorar. Como uma vida tão jovem pôde ser perdida por um erro que poderia ter sido evitado? Como um sistema que deveria proteger e garantir a saúde das pessoas pôde falhar de forma tão cruel? Essas perguntas começaram a se acumular em minha mente e a necessidade de buscar respostas se tornou uma obsessão.

A cada nova gravidez, minha mãe enfrentava um novo desafio, e eu observava tudo, não apenas como filha, mas também como alguém que tentava compreender o que se passava ao nosso redor. Eu via minha mãe

passar por dificuldades imensuráveis, carregando o peso de ser mulher e mãe em um contexto em que a vida não dava espaço para que as dificuldades fossem amenizadas.

Enquanto minha mãe trabalhava incansavelmente para sustentar a família e meu pai fazia o possível para garantir o básico, a escola se tornou o único lugar onde eu podia encontrar um pouco de alívio. Era lá que eu me sentia menos impotente, mais capaz de sonhar com um futuro diferente, mais justo.

Na escola, eu descobri que o mundo não se resumia àquilo que eu via ao meu redor. As histórias, os livros e os conhecimentos oferecidos pelos professores me transportavam para outros lugares, para novas possibilidades. Não que eu soubesse, naquele momento, o impacto que isso teria na minha vida, mas algo em meu interior me dizia que a educação era a única forma de lutar contra as limitações que o mundo impunha a quem nascia em lugares como o meu. O simples fato de poder aprender, de poder construir um entendimento sobre o mundo e sobre as pessoas ao meu redor, me

dava uma sensação de liberdade, uma sensação que, até então, eu não sabia que existia.

Mas não foi só a educação formal que me impulsionou. Eu comecei a entender, também, com o tempo, que o verdadeiro poder do conhecimento não estava em decorar fórmulas ou nomes, mas em compreender a vida de uma maneira mais ampla e profunda. A educação me deu ferramentas para ver além das dificuldades imediatas e enxergar o mundo de maneira crítica, questionadora. Foi, de fato, o meu refúgio e, ao mesmo tempo, o combustível para continuar lutando. A cada novo desafio, o aprendizado me permitia desafiar as circunstâncias e, de algum modo, tomar controle sobre minha própria vida.

Enquanto crescia, meu desejo de ensinar também aumentava. Não era apenas o desejo de compartilhar o que eu havia aprendido, mas, sobretudo, o desejo de levar àqueles ao meu redor à transformação. Ensinar para mim não era apenas transmitir conhecimento, mas permitir que outros, assim como eu, pudessem se ver em um futuro diferente, livre das amarras que a falta

de educação impõe. O ensino tornou-se, então, a minha maneira de retribuir à vida tudo o que ela me deu e, ao mesmo tempo, me ajudar a encontrar um sentido maior em tudo o que vivi.

Foi quando as primeiras dificuldades começaram a surgir que percebi a necessidade de compreender, de forma mais profunda, o que acontecia ao meu redor. A perda de minha prima foi um dos eventos mais marcantes e dolorosos da minha vida. Ela morreu jovem, vítima de um erro médico, e essa perda me marcou de uma maneira que eu não poderia prever. O fato de uma vida tão promissora ter sido arrancada de nós tão cedo, por uma falha do sistema de saúde, mexeu profundamente comigo. Eu queria entender o que havia acontecido, como isso foi possível, e por que uma pessoa tão cheia de vida teve sua jornada interrompida tão abruptamente. As respostas que eu buscava não surgiram de imediato, mas o impacto daquela perda me empurrou a ir em busca de algo mais. Algo mais do que uma simples explicação. Eu queria entender como as instituições, que deveriam proteger a vida, falhavam tanto e, com isso, me vi, aos

poucos, sendo guiada para o Direito.

A educação, portanto, foi o pilar que sustentou toda a minha trajetória. Ela não foi apenas a chave para alcançar meus objetivos profissionais, mas a base sobre a qual construí minha visão de mundo, minha força interior e minha missão na vida. E a cada passo, a cada obstáculo superado, eu entendia mais profundamente o poder que a educação tem de transformar não apenas a vida de um indivíduo, mas também a sociedade como um todo. Ela nos dá as ferramentas para questionar, para lutar e, acima de tudo, para sermos quem somos, sem medo de nossas origens ou limitações. O direito à educação é, sem dúvida, o maior direito de um ser humano, porque é a partir dele que se constrói a dignidade, a liberdade e a capacidade de transformar a vida em algo muito maior do que se poderia imaginar.

A ADVOGADA

Ao longo de minha infância e adolescência, aprendi que o Brasil, o país em que nasci, está repleto de injustiças. Não se trata, apenas, de uma ou duas falhas em particular, mas de um sistema que ignora as necessidades e os direitos da população, especialmente mais vulnerável. E isso, de alguma maneira, se entrelaçou com as experiências que eu vivi e com a visão de mundo que fui moldando. Infelizmente, no Brasil, a justiça, muitas vezes, é um privilégio de poucos, e não um direito de todos.

Assim, comecei a cogitar a possibilidade de me tornar advogada, diante da falta de direitos, em nossa sociedade, e de nossas cidadanias incompletas. Eu precisava entender como o sistema funcionava e, mais importante ainda, como eu poderia ser uma agente de mudança dentro dele. A vida sempre me levou a enfrentar injustiças e a encarar a dureza do destino de uma maneira que poucas pessoas seriam capazes de compreender. As experiências que tive com a morte evidenciaram o fato de que o Brasil precisa(va) de uma

transformação profunda, e a minha jornada pessoal estava destinada a ser, de alguma forma, parte desse processo.

Foi nesse ponto que o conhecimento, que até então se resumia a livros e teorias, ganhou um significado ainda mais profundo. O Direito, para mim, tornou-se a ferramenta necessária para entender, não só as falhas do sistema, mas as próprias dinâmicas de poder que o sustentavam. O Direito me ofereceu um caminho para compreender como a injustiça era estruturada e, mais importante, me deu a oportunidade de lutar contra ela. Eu já sabia, por experiência própria, o que era viver sem as ferramentas adequadas para enfrentar as adversidades da vida. O que me faltava, na época, era entender como a educação, e especialmente o conhecimento jurídico, poderia ser a chave para mudar essa realidade.

O Direito, então, não se tornou apenas uma profissão, mas uma missão. Um caminho que eu precisava seguir para compreender melhor a sociedade, as leis que regem a nossa sociedade e como, de alguma forma,

poderia atuar para mudar as injustiças que tanto me incomoda(va)m. O desejo de fazer algo em relação a essas falhas se transformou em um compromisso: tornar a justiça acessível, especialmente àqueles que, como eu, nunca tiveram acesso a ela de forma plena.

No entanto, a luta não foi fácil. À medida que mergulhava no estudo do Direito, eu me deparava com mais e mais desafios, tanto no âmbito acadêmico quanto emocional. Era como se, a cada nova conquista, surgissem novas barreiras para quebrar. Mas, paradoxalmente, a educação e o Direito me deram também a força necessária para continuar. Sabia que não estava sozinha nesse caminho. Muitos ao meu redor haviam traçado trajetórias parecidas, enfrentado dificuldades semelhantes, e mesmo assim, seguiram em frente, resistindo. Assim, aos poucos, fui encontrando meu lugar, minha voz, e me tornando não só uma defensora da justiça, mas uma mulher que aprendeu, ao longo de sua jornada, a lutar por si mesma e pelos outros.

Não se tratava apenas de uma decisão de carreira. Tornar-me advogada foi, para mim, um marco de resistência,

uma forma de lutar contra as circunstâncias, contra a negligência e a indiferença que presenciei ao longo de minha vida. E, para alcançar essa transformação, eu sabia que precisava ser mais do que apenas uma espectadora da vida.

A ideia de estudar, de buscar um caminho diferente, de me educar e de aprender o máximo possível sobre o sistema jurídico, tornou-se uma obsessão. Quando a dor parecia insuportável, a educação me ofereceu uma forma de transformação. Não era apenas o aprendizado técnico, mas o entendimento de que eu poderia usar o conhecimento para mudar as coisas ao meu redor. A busca por justiça começou, então, a ser uma missão, e minha jornada na educação se tornou a forma de preparar o terreno para lutar contra as injustiças.

Cada passo em minha trajetória foi guiado por uma necessidade de justiça, por uma vontade de entender e de corrigir os erros que vi ao meu redor. A vida, com suas tragédias e dores, moldou minha convicção de que o direito seria o caminho para a mudança, e, assim, a advocacia tornou-se o campo onde eu lutaria para

tornar o mundo, ao menos um pouco, mais justo.

A cada passo dessa jornada, a educação me forneceu as ferramentas para questionar, a psicologia me ensinou a compreender as complexidades do ser humano, como mencionarei a seguir, e o Direito me deu a estrutura para agir de forma concreta. O que começou como uma luta contra a falta de recursos e um desejo de entender o que acontecia ao meu redor se tornou uma missão de justiça, de buscar respostas e de lutar por um futuro em que mais pessoas pudessem viver sem a opressão do sistema.

Hoje, como professora, advogada e psicóloga, vejo minha trajetória como uma constante busca pela verdade e pela justiça. As dificuldades que enfrentei ao longo da vida me ensinaram que a transformação só é possível quando buscamos entender profundamente o que nos cerca e, com isso, nos armamos com o conhecimento necessário para mudar o que precisa ser mudado. Cada uma dessas profissões representa uma etapa da minha jornada, mas todas estão interligadas pelo mesmo propósito: lutar pela justiça, pela verdade e

pela igualdade.

O estudo das leis, dos direitos e das responsabilidades não apenas me proporcionou uma compreensão mais profunda do funcionamento do mundo ao meu redor, mas também me fez confrontar minhas próprias crenças, valores e desejos mais íntimos. A prática do direito me ajudou a me entender como uma agente de mudança, alguém que, por meio da busca pela justiça, poderia dar um sentido maior à sua própria existência.

A advocacia me levou a confrontar as injustiças que, ao longo da minha vida, sempre me marcaram, e essa luta contra as desigualdades tornou-se, para mim, um propósito. A cada caso em que me envolvia, percebia que o direito não era apenas uma questão de teoria ou aplicação das normas jurídicas, mas uma luta contínua pela dignidade humana, pelo reconhecimento do outro e pela transformação da realidade. A advocacia me ensinou a ter uma visão mais ampla do sofrimento humano, das adversidades que as pessoas enfrentam e dos mecanismos que perpetuam as desigualdades sociais.

Por meio do direito, percebi que a busca pela justiça não se limita apenas ao âmbito legal, mas é também uma questão de equilíbrio interno, de encontrar a paz consigo mesma diante das adversidades. Cada vitória no tribunal, cada causa defendida com fervor, me fez compreender melhor a mim mesma, meus limites e minhas capacidades. A advocacia se tornou um reflexo de quem eu sou e de quem eu quero ser. Foi por meio dela que consegui concretizar meu desejo de contribuir para a construção de um mundo mais justo e igualitário, alinhando, assim, o que aprendi na vida com o que acreditava ser o meu propósito maior. O direito me proporcionou a oportunidade de não apenas lutar pelas causas de outras pessoas, mas também de lutar por um ideal de justiça que ressoava profundamente em meu coração.

À medida que fui me aprofundando no estudo e na prática da advocacia, percebi que, embora as leis rejam a sociedade e estabeleçam os limites do que é permitido e proibido, elas não são suficientes para garantir a justiça por si só. A moral e a ética, embora às vezes subjetivas

e variáveis conforme o contexto cultural, pessoal e social, são os princípios que sustentam a construção do verdadeiro caráter de uma sociedade. Ao refletir sobre essas questões, comecei a perceber que o direito não é apenas a aplicação de regras, mas também a busca constante por algo mais profundo: o compromisso com o bem-estar coletivo, com a dignidade humana e, principalmente, com a transformação da realidade.

Neste processo, o autoconhecimento se mostrou crucial. Ao estudar as leis e refletir sobre os casos que enfrentava, percebi que a advocacia não só exige uma compreensão do mundo externo, mas também uma compreensão interna. Para lutar pelas causas dos outros, é necessário entender as próprias crenças e valores, bem como as sombras e limitações que cada um carrega dentro de si. A ética, portanto, não pode ser apenas uma questão de teoria ou de cumprimento das normas; ela precisa ser vivida e refletida constantemente, como um compromisso pessoal com a justiça.

Na prática do direito, percebi que a moralidade das minhas ações e decisões influenciava diretamente

os resultados que eu alcançava. Alinhada com meus princípios mais profundos, com um compromisso genuíno de fazer o bem, meu trabalho sempre fluiu de maneira mais harmônica, e eu sentia que estava cumprindo o meu verdadeiro propósito.

À medida que eu avançava na carreira de advogada, compreendi que as leis podem, e muitas vezes devem, evoluir para refletir uma visão mais justa da sociedade, mas é a ética, ancorada no autoconhecimento e no respeito pelas individualidades e pela dignidade humana, que garante que essas leis cumpram realmente sua função.

O direito, então, não é apenas um conjunto de normas; mas um caminho de aprendizado contínuo sobre mim mesma e sobre o outro. O autoconhecimento, adquirido ao longo dessa jornada, me ajudou a discernir o que é justo de maneira mais clara e profunda, e a buscar um equilíbrio entre o que é legalmente correto e o que é moralmente justo. Assim, entendi que, no fundo, a verdadeira luta do direito é pelo aprimoramento da ética que nos guia, para que possamos agir não apenas como

advogados, mas como seres humanos comprometidos com a verdade e com a justiça.

A PSICÓLOGA

Já com uma condição melhor, e mais bem estruturada, com o meu filho criado, e morando sozinho, há poucos anos, ainda tive muita força para cursar, após a faculdade de Direito, a faculdade de Psicologia. E a minha vontade de aprender ainda hoje não cessou. E não penso que jamais cessará. Nós não estamos prontos. O conhecimento está em constante mudança, assim como todos nós. E o fato de eu ter adentrado em tantas áreas diferentes revela, também, esse caráter inter, trans e multidisciplinar em relação à Educação, bem como a nossa ânsia por conhecimento, tanto em nível individual quanto coletivo.

A psicologia me proporcionou uma lente mais ampla para enxergar as raízes das injustiças e como elas moldam tanto as nossas vidas individuais quanto as coletivas. Percebi que, para lutar contra as injustiças, eu precisava não apenas entender o sistema, mas também o ser humano, suas motivações e traumas, em mim mesma e em uma perspectiva coletiva. A busca pela compreensão do que leva uma pessoa a agir de determinada forma,

de como o sofrimento é processado e de como a mente humana lida com as adversidades se tornou um novo campo de interesse.

A morte sempre esteve por perto. Desde a perda da minha prima, com quem compartilhei muitas brincadeiras e risos na infância, até outros trágicos eventos que relatei neste livro. Não havia mencionado, mas a perda da minha prima ocorreu por um erro médico, que não pôde ser corrigido. Ela, tão jovem, ainda com a vida pela frente, foi arrancada de nós de forma abrupta, sem que nada pudesse ser feito. A morte dela não foi apenas uma perda pessoal, mas um reflexo de uma realidade cruel e incontrollável. Ela foi vítima de um sistema falho, que não se importou em proteger uma vida tão inocente. Eventos que deveriam ser raros se tornaram uma tragédia cotidiana, uma metáfora para tantas outras falhas do sistema que eu presenciei em minha vida.

A Psicologia, enquanto campo de estudo, sempre buscou entender o comportamento humano a partir de diferentes perspectivas e abordagens, contribuindo

significativamente para a compreensão das motivações, das emoções e das complexidades do sofrimento humano. Freud, o dito pai da psicanálise, foi um dos primeiros a perceber que nossas ações e pensamentos estão frequentemente enraizados em experiências inconscientes, muitas vezes originadas na infância, e que os traumas não resolvidos podem moldar nossas reações e atitudes na vida adulta. Sua Teoria do Inconsciente e do Mecanismo de Defesa trouxe à tona a importância da repressão, da negação e da projeção na maneira como lidamos com a dor e o sofrimento. Através da psicanálise, Freud contribuiu para a compreensão de como as experiências pessoais e os conflitos emocionais moldam o indivíduo. Esses conceitos me ajudaram a refletir sobre o impacto das falhas no sistema de saúde, como a perda de minha prima, ao compreender como situações externas podem interagir com nossas vivências internas para gerar sofrimento.

Avançando em direção a teorias mais contemporâneas, o psicólogo humanista Carl Rogers trouxe uma visão mais positiva do ser humano, acreditando que a motivação

fundamental de todos é a realização do potencial pessoal, o que ele chamou de “autoatualização”. Para Rogers, o sofrimento psicológico surge quando há uma dissonância entre o eu ideal e o eu real, sendo a aceitação incondicional e a empatia essenciais para o processo de cura e crescimento. Já Abraham Maslow, com sua famosa pirâmide das necessidades, indicou que, para alcançarmos nosso potencial, é preciso atender às nossas necessidades mais básicas, como segurança e pertencimento, antes de aspirarmos ao crescimento pessoal.

A experiência de perda e sofrimento, como a morte precoce de minha prima, poderia ser vista, nesse sentido, como um rompimento com a continuidade emocional, levando à necessidade urgente de restabelecer um senso de segurança e significado. Em um nível coletivo, essas experiências de dor podem, de fato, provocar um despertar para a injustiça sistêmica, como ocorre quando falhas no sistema de saúde resultam em tragédias que não deveriam acontecer.

Além disso, as abordagens contemporâneas, como as propostas pela Psicologia Positiva de Martin Seligman, sugerem que a resiliência e a construção de sentido diante das adversidades são fundamentais para o bem-estar humano. A capacidade de encontrar um propósito mesmo nas circunstâncias mais difíceis é uma característica que pode ser cultivada, e é exatamente o que descrevo neste livro ao buscar justiça e respostas diante do sofrimento que a vida impôs. De acordo com Seligman, a verdadeira felicidade não vem apenas da ausência de dor, mas da capacidade de construir significado por meio da adversidade, o que, para muitos, é um passo vital em direção à cura emocional e, possivelmente, à transformação social. Para mim, a busca por justiça se transformou, portanto, em uma maneira de equilibrar o trauma pessoal e coletivo com um movimento positivo de mudança e reconstrução.

A Psicologia, como profissão, para mim, é muito mais do que uma forma de entender o comportamento humano individualmente; ela é, ao mesmo tempo, uma ferramenta para transformar o coletivo. Quando

optei por seguir a carreira de psicóloga, sabia que a responsabilidade que estava assumindo não se limitava ao cuidado individual. Acredito firmemente que as mudanças mais significativas começam dentro de cada pessoa, mas que, ao se expandirem, podem gerar um impacto profundo no meio em que vivemos.

A psicologia vai além de tratar traumas e desafios internos; ela também capacita as pessoas a compreenderem as dinâmicas de suas relações, romperem ciclos prejudiciais e contribuírem para a construção de uma sociedade mais empática, justa e acolhedora. Não é necessário ser psicólogo, entretanto, para participar desse processo transformador, mas iniciar a terapia pode ser um passo essencial.

A sociedade, muitas vezes, trata os problemas emocionais como algo puramente pessoal, ignorando as influências do ambiente e das estruturas que nos cercam. Como psicóloga comportamental, enfoco a análise dos comportamentos observáveis e suas relações com o ambiente, evitando tratar o sujeito de forma isolada. Meu trabalho se baseia na compreensão de como os

fatores sociais, culturais e políticos funcionam como antecedentes ou consequentes que moldam e mantêm padrões comportamentais. Essa abordagem me permitiu identificar contingências que podem ser prejudiciais e propor intervenções que promovam mudanças benéficas tanto para o sujeito quanto para a comunidade.

Compreendo o sofrimento não apenas como uma experiência pessoal, mas muitas vezes uma consequência das condições sociais e da maneira como um sistema falho impacta as vidas das pessoas. Minha própria trajetória de vida, marcada por traumas e superações, me proporcionou uma base rica de experiência para ajudar aqueles que enfrentam dilemas semelhantes. A dor que senti ao longo dos anos, a perda da minha prima e as dificuldades que enfrentei me ensinaram lições que não poderiam ser aprendidas apenas nos livros. Essas experiências me ensinaram a importância de ser empática, de ouvir sem julgar e de oferecer um espaço seguro para que o outro se expressasse.

Esta obra me levou a refletir, por fim, sobre a fé, não apenas como uma crença em algo maior, mas como

um profundo exercício de autoconhecimento e criação interna. A fé, nesse sentido, é a capacidade de enxergar em si mesmo o potencial de transformação e de agir como um criador de novas possibilidades. Nós não estamos tão longe do criador como nos é dito, embora sejamos bastante imperfeitos; nós também somos parte dele, e essência para a criação, força fundamental para transformar as nossas vidas e a sociedade.

Espero, por meio desta obra, que outras pessoas consigam, mesmo diante de tantas dificuldades e sofrimento, seguir em frente e acreditar que é possível. Todos nós carregamos em nosso interior a capacidade de mudar, de reescrever nossa história e de impactar o mundo ao nosso redor. Desejo, profundamente, que cada um se conecte com sua própria força criativa, abraçando as imperfeições como parte do processo de evolução e permitindo-se experimentar a liberdade de ser. A educação, a psicologia e o direito são áreas essenciais para gerar transformação, pois elas nos oferecem as ferramentas para compreender e agir sobre as questões internas e sociais que nos limitam. Em um

mundo repleto de desigualdades e desafios, acredito que, por meio do conhecimento, da reflexão psicológica e da justiça, podemos criar um ambiente mais equitativo e empático. As dificuldades que enfrentamos, sejam pessoais, sociais ou institucionais, não devem ser vistas como barreiras intransponíveis, mas como desafios que podem ser superados com coragem, aprendizado contínuo e um compromisso com a transformação positiva. Que essa obra seja um lembrete de que o poder da mudança está dentro de cada um de nós, esperando para ser despertado e concretizado em ações para o bem comum.

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de toda sabedoria e força, pela vida, pelas bênçãos que me são concedidas a cada dia e pela oportunidade de escrever este livro. Que Sua luz continue a guiar meus passos, iluminando meu caminho e me inspirando em todas as minhas ações. Agradeço também pela saúde, pelo amor da minha família e pela coragem de enfrentar os desafios que surgem. Sem Sua presença constante, nada seria possível.

Ao Prof. Me. Anderson Hander, que revisou e editou este material. O seu olhar me complementou, em vários sentidos, especialmente nesta obra.

Ao meu esposo e filho, que me apoiaram durante este processo, e à minha família, cujos valores e amor me sustentaram.

Ao meu pai e minha mãe, agradeço pela base que sempre me deram, que me fortalece em cada passo da minha trajetória.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREUD, Sigmund. *O Ego e o Id*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1997.

LACAN, Jacques. O estágio do espelho como formador da função do eu. In LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 75-100.

MASLOW, Abraham H. *Motivation and Personality*. New York, NY: Harper & Row Publishers, 1954.

ROGERS, Carl Ransom. *Tornar-se pessoa*. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1961.

SELIGMAN, Martin E. *Florescer: Uma nova compreensão sobre a natureza da felicidade e do bem-estar* [Flourish: A Visionary New Understanding of Happiness and Well-

Being]. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. New York: Atria Books, 2012.



CERTIFICADO DE REGISTRO DE DIREITO AUTORAL

A Câmara Brasileira do Livro certifica que a obra intelectual, descrita abaixo, encontra-se registrada nos termos e normas legais da Lei nº 9.610/1998 dos Direitos Autorais do Brasil.

Conforme determinação legal, a obra aqui registrada não pode ser plagiada, utilizada, reproduzida ou divulgada sem a autorização de seu(s) autor(es).

Responsável pela Solicitação:

eDOC BRASIL

Participante(s):

Edileuza Lopes Silva (Autor)

Título:

A educação como caminho: uma autobiografia

Data do Registro:

17/02/2025 18:30:51

Hash da transação:

0x708b83198ad6d99d282e2fae67419e55d25030c0eb384968e976aa82918af71e

Hash do documento:

64693e5f9d227ffeff1b04b8cc03c911759e2591aee21dd00cae199b6147b39a

Compartilhe nas redes sociais



clique para acessar
a versão online

“Escrever sobre nós mesmos é um gesto paradoxal. Por um lado, é um ato de exposição, uma tentativa de revelar o que somos, de mostrar nossas experiências e sentimentos mais íntimos. Por outro, é também um mergulho interno, uma busca para entender as camadas do tempo, da memória e das emoções que nos moldam. Aliás, recordar é um ato extremamente necessário. Assim como, paradoxalmente, esquecer. Não é por acaso que, na esfera jurídica, existe o termo Direito ao Esquecimento. Contar a própria história não é apenas um exercício de vaidade; é, antes de tudo, uma ferramenta de compreensão. [...] Reviver nossas memórias, inclusive as dolorosas, é um ato que transcende o individual. É uma oportunidade de refletir sobre os erros e injustiças do passado, exigindo mudanças sociais que rompam ciclos de opressão e desigualdade. Essas lembranças não devem apenas nos ensinar, mas também alertar para que histórias semelhantes não sejam perpetuadas.”

